

O QUE OS GUARANI NOS ENSINAM SOBRE A MICROPOLÍTICA

Os Guarani chamam a garganta de ahy'o, mas também de ñe'e raity, que significa literalmente "ni-nho das palavras". É porque eles sabem que, em nossa experiência humana como seres vivos, elementos da biosfera como quaisquer outros, nossos corpos são afetados pelas forças variadas do ecossistema e suas relações variáveis a cada momento — o que inclui obviamente as forças das demais vidas humanas e seus mundos, próximos ou distantes, atuais ou virtuais, mas não se reduz a elas.

Eles sabem que embriões de palavras emergem desta fecundação do ar do tempo em nossos corpos e que, neste caso, e só nele, as palavras têm alma: a alma da vida que as/nos habita — esteja ela materializada nas formas do presente, ou em sua condição de germe portador de futuros. Que as palavras tenham alma e a alma encontre suas palavras é tão fundamen-

tal para eles, que tanto o termo ñe'e, que eles usam para designar "palavra", "linguagem", quanto o termo anga, que usam para designar "alma", significam ambos "palavra-alma".

Os Guarani sabem igualmente que os embriões de mundo tensionam as formas em que a vida se encontra plasmada no presente. É que, sendo portadores de futuros, eles são o indício de que a vida está nos impondo a exigência de criarmos outros modos de existência, que se digam com outras palavras, para que ela possa voltar a respirar a cada vez que se encontra sufocada em suas formas e linguagens atuais. Quando ocorre esta inevitável tensão, os modos de existência vigentes e suas palavras perdem seu sentido, o que nos deixa desestabilizados, como que fora de foco. Somos então tomados por uma espécie de nó na garganta que nos causa um desconfortável estranhamento. Atentar para esta sensação é essencial, porque ela funciona como um sinal de alarme que convoca o desejo a agir para recobrar um equilíbrio vital, que nos humanos é indissociavelmente emocional e existencial.

É na resposta do desejo a este sinal de alarme vital que se distinguem suas políticas. Este é precisamente o campo da micropolítica e suas variadas e variáveis perspectivas, das mais ativas às mais reativas.

Quando o desejo se deixa guiar por aquilo que lhe indicam os embriões de futuros, a germinação vai se completando num processo de criação até encontrar palavras, imagens, gestos, etc, que lhes permitam sair do ninho e voar para o mundo. O que resulta disto é uma diferença: um devir de nós mesmos e de nosso campo relacional, com potência de proliferação por toda trama social. Este é o destino ético da pulsão, aquele em que a vida se afirma em sua força de transfiguração.

Poderíamos dizer que o inconsciente é esta fábrica de mundos. Os Guarani sabem que zelar por esta fábrica é sua responsabilidade essencial, e que este é o trabalho de uma vida, um trabalho que se faz coletivamente. Eles sabem que há um tempo próprio para a germinação destes embriões de futuro e que, para que ela vingue, o ninho tem que ser cuidado. Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio — esta é precisamente a tarefa de uma micropolítica ativa.

Nós caras pálidas sob o poder do regime colonial-capitalístico ignoramos esta fábrica de produção de mundos. É que perdemos o acesso à nossa condição de viventes na qual se dá a experiência desta produção: uma dimensão da experiência subjetiva que proponho chamar de "fora-do-sujeito". É neste âmbito que acessamos os afetos: efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e atravessam singularmente todos os corpos que o compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua. Desta perspectiva não há distinção entre sujeito e objeto: o outro, humano ou não-humano, vive efetivamente em nosso corpo (sob a forma de afetos) e o fecunda, produzindo gérmenes de mundos em estado virtual. Separados desta experiência, não temos como desenvolver o saber-do-vivo ou saber-eco-etológico que nos permitiria decifrar o que nos acontece por meio do poder de avaliação dos afetos.

Com o corte do acesso à nossa condição de viventes, a subjetividade no regime colonial-capitalístico tende a reduzir-se à sua experiência como sujeito, própria à nossa condição sociocultural e moldada por seu imaginário. O sujeito é o que em nós decifra as formas da existência, seus códigos e suas dinâmicas.

por meio da percepção e da cognição (distinta do saber-do-vivo), o que viabiliza a gestão do cotidiano e a sociabilidade. Desta perspectiva o outro é um objeto exterior que nos produz emoções psicológicas (sentimentos), distintas das emoções vitais (afetos) e sobre o qual projetamos representações, o que nos permite situá-lo e a nós frente a ele.

A redução da experiência subjetiva ao sujeito nos faz ignorar que a vida em sua essência é potência de diferenciação contínua, o que nos leva a crer que a forma de mundo em que ela se encontra provisoriamente plasmada no presente seja absoluta e eterna. Sendo assim, quando esta forma se desestabiliza e somos tomados por um nó na garganta, o mal-estar do estranhamento que isto nos provoca se converte em angústia do sujeito pois este o interpreta como sinal do “fim do mundo” e, com ele, de nós mesmos e não como sinal do “fim de um mundo” e, com ele, de uma certa forma do suposto si mesmo, na qual estamos temporariamente corporificados. Diante deste perigo imaginário, nos aterrorizamos e não tendo como absorver esta experiência, ela se torna traumática.

Destituídos do saber-do-vivo e reduzidos ao sujeito, ao interpretarmos o apito da fábrica de mundos como um sinal de alerta de que está ocorrendo uma

"coisa ruim", supomos que se é ruim alguém tem culpa. E então, só nos restam duas opções para explicá-lo: o culpado é ou nós mesmos ou algum outro qualquer sobre o qual projetamos a causa de nosso mal-estar. Forma-se assim um teatro de fantasmas do qual somos um dos personagens e seu co-adjuvante é este outro qualquer. Nosso personagem-fantasma baixa então na subjetividade e passa a comandar o desejo, exercendo sobre ele uma pressão para que, numa espécie de ejaculação precoce, recobre rapidamente um equilíbrio que nos livre da angústia.

Um equilíbrio ilusório e fugaz vai ser então produzido por meio da escolha de algo já disponível no ambiente. Este algo pode ser tanto objeto, imagem, etc. como discurso, os quais funcionam nesta dinâmica como mercadorias que consumimos e mimetizamos para nos refazermos um contorno: uma espécie de máscara de corpo-e-fala. Sendo assim, tanto faz escolhermos isso ou aquilo; por exemplo, tanto faz escolhermos um livro de auto-ajuda ou a obra completa de um consagrado filósofo para recobramos um contorno discursivo. O resultado da ação do desejo, aqui, será sempre a repetição do mesmo, assim como se repetirá infinitamente o personagem-fantasma que performamos dia após dia e a projeção do parceiro da cena fantasmática sobre qualquer outro que se apre-

sente. É esta dinâmica do desejo que caracteriza uma micropolítica reativa.

O INCONSCIENTE COLONIAL-CAPITALÍSTICO E A ESPOLIAÇÃO DA FÁBRICA DE FUTUROS

O preço que pagamos pela escolha de uma micropolítica reativa é altíssimo: ao extirpamos de nossa consciência o estranhamento que nos provoca o nó na garganta (tal como sentimos a presença dos embriões de mundo neste ninho), este nos assustam e se tornam nódulos, este se converte num nódulo cancerígeno cujas metástases se ramificam por todo nosso corpo-ninho-de-mundo, se esparraman por seu campo relacional e, como uma peste, vão contaminando todo o corpo social. Interrompem-se assim os processos de germinação e, pior, criam-se as condições para que o sistema vigente possa drenar a pulsão vital de modo a fazê-la produzir de acordo com seus desígnios. A este regime de produção da fábrica do inconsciente proponho dar o nome de "inconsciente colonial-capitalístico".

A espoliação desta fábrica de futuros se dá por meio de uma operação de cafetinagem da pulsão, na própria irrupção de seu movimento acionado pelo alarme vital. Este é desviado de seu curso ético, no

qual produziria “novos mundos” em função do que pede passagem, para que, em seu lugar, produza “novidades”: mais e mais cenários que multiplicam as oportunidades de investimento e acumulação de capital e excitam a voracidade de consumo numa velocidade exponencial.

O abuso da pulsão é a medula micropolítica do regime colonial-capitalístico. Para viabilizá-lo, o inconsciente é um dos alvos essenciais do mega-empreendimento colonial operado pelo capitalismo, que hoje logrou abarcar o conjunto do planeta, tornando-se globalitário. Nesta sua nova dobra, financeirizada e neoliberal, o abuso da pulsão e a colonização do inconsciente, inseparáveis em sua micropolítica, atingem o grau máximo de requinte perverso.

DESCOLONIZAR O INCONSCIENTE

Descolonizar o inconsciente é o que almeja a insurreição micropolítica: para alcançá-lo é preciso romper o feitiço da relação de abuso que mantém o desejo cativo. Tal ruptura acontece quando descobrimos que por trás de nosso personagem-fantasma e sua esgotadora corrida produtivista — que, neste regime, é condição imaginária de amparo para o sujeito —, há uma miséria vital absoluta que nos sufoca

e, pior, que somos nós mesmos os agentes desta miséria e deste sufoco ao nos entregarmos gozosamente à cafetinagem da pulsão, sua espoliação pelo regime colonial-capitalístico.

Aqui também, os Guarani podem vir ao nosso auxílio. Eles consideram o estado de miséria vital como doença. E para eles a doença, seja ela mental, emocional ou orgânica, sempre acontece quando palavra e alma se separam; ou seja, quando a palavra perde sua alma, ou a alma não encontra sua palavra ou se vê impedida de buscá-la. A "cura" consiste então em devolver à linguagem sua alma ou em encontrar a linguagem para dizer o que a alma nos indica.

Se entendermos o termo "alma" como a vida em sua imanência, cujo acesso no humano se dá pela experiência subjetiva fora-do-sujeito, a separação entre palavra e alma não seria precisamente o que define a patologia da micropolítica reativa que predomina sob o regime colonial-capitalístico, como sua condição de possibilidade? Diante disso, o que conquistamos com a quebra do feitiço da sedução pelo regime cafetão é o acesso à experiência fora-do-sujeito, o que nos faz perder o medo de nos aproximar dos embriões de mundo que habitam o ninho-na-garganta. Abre-se assim a possibilidade de desenvolvermos uma escuta aos futuros que tais embriões anunciam em nosso

corpo e buscamos as condições para criar um dizer que os traga ao mundo.

Em outras palavras, face à estratégia micropolítica do regime colonial-capitalístico que consiste em espoliar a fábrica do inconsciente, o que almeja a insurreição nesta esfera é ocupar esta fábrica lançando flechas que injetem saber-do-vivo na produção de subjetividade. O intuito é que fiquemos cada vez mais próximos daquilo que a vida nos pede para perseverar, mais capacitados para responder a suas demandas e estar à sua altura.

NÃO BASTA INSURGIR-SE NA ESFERA MACROPOLÍTICA

Diante do limiar de destruição a que chegamos hoje sob o poder deste regime e da impotência das esquerdas para enfrentá-lo, nos damos conta de que não basta insurgir-se na esfera macropolítica onde atuam tradicionalmente as esquerdas, cujo alvo é a distribuição de lugares menos assimétrica (nos âmbitos social, econômico e político), bem como um Estado que sustente essa ampliação da equivalência de direitos de acesso a bens materiais e imateriais. É preciso insurgir-se igualmente na esfera micropolítica dos regimes de inconsciente e do desejo que garantem ao sistema dominante sua consistência existen-

cial, sem a qual este não se manteria em pé. Sem um trabalho no sentido da transmutação dos personagens oriundos da política de desejo dominante e suas respectivas cenas, tudo volta necessariamente para o mesmo lugar. Nos damos conta, em suma, de que é inadiável aliarmos os combates micro e macropolítico nos campos relacionais de nossa existência cotidiana, em nossos movimentos individuais e coletivos de insurreição.

Não será exatamente isso o que está acontecendo hoje pelo mundo, cada dia mais intensa e extensamente, face à paisagem sinistra que se instalou no planeta? É inegável que uma radical transfiguração das formações do inconsciente no campo social — suas cenas e seus personagens — vem sendo promovida principalmente por mulheres, LGBTQI, negros e indígenas, sobretudo entre as novas gerações. São gestos guerreiros que nos convocam, cada um à sua maneira, a ocuparmos a fábrica do inconsciente, formando campos sinérgicos que favoreçam nossa ou-
sadia e nos sustentem nesta empreitada.

A URGÊNCIA DA INSURREIÇÃO MICROPOLÍTICA

O desafio maior que hoje se impõe a nós é o do trabalho implicado na descolonização do inconsciente,

pois o combate na esfera micropolítica é muito mais recente do que aquele que se dá na esfera macropolítica, para o qual contamos com um acúmulo de experiências de quase dois séculos e meio (se datarmos o início deste tipo de insurreição entre 1789 e 1791, com as Revoluções Francesa e Haitiana, respectivamente) ou de um século e meio (se o datarmos em 1871 com a Comuna de Paris, por seu caráter socialista).

Tal desafio requer que refinemos nosso diagnóstico do regime de inconsciente hegemônico e seus efeitos tóxicos na existência individual e coletiva, os quais viabilizam a submissão ativa de nosso desejo à exploração da vida para a produção de capital. Requer igualmente que criemos dispositivos de combate adequados à esfera micropolítica. Ambos objetivos dependem de uma insurreição micropolítica no próprio exercício do pensamento: nos deslocarmos de uma perspectiva logocêntrica, própria de uma subjetividade reduzida ao sujeito, para em seu lugar nos guiarmos por uma bússola ética, cuja agulha aponta para aquilo que permite que a vida se libere de sua espoliação e recupere sua potência criadora. Em outras palavras, trata-se de adotar a vida como critério de avaliação do presente, bem como de escolha das ações do desejo perante seus impasses. Esta é a condição para a produção de uma vida não-cafetinada pelo e para o capital.

O enfrentamento deste desafio exige um trabalho infinito de cada um e de muitos: é neste horizonte que se situam as sugestões a seguir.

DEZ SUGESTÕES PARA UMA
CONTÍNUA DESCOLONIZAÇÃO
DO INCONSCIENTE

1. Desanestesiarmos nossa vulnerabilidade às forças em seus diagramas variáveis, reconhecendo na vulnerabilidade a potência da subjetividade em sua experiência fora-do-sujeito;
2. Ativar o saber-do-vivente, um saber-eco-etológico e expandí-lo ao longo de nossa existência;
3. Desobstruir cada vez mais o acesso à tensa experiência da estranheza-no-familiar: a incontornável inquietude provocada pela relação paradoxal entre a experiência do embrião de mundo “estranho-no-ninho”, própria do fora-do-sujeito e a experiência de familiaridade, própria do sujeito;
4. Não denegar a fragilidade resultante da desterritorialização desestabilizadora que o estado de estranheza-no-familiar promove inevitavelmente;

5. Não interpretar a fragilidade deste estado instável como “coisa ruim”, nem projetar leituras fantasmáticas sobre o desconforto que este estado nos gera. Tais leituras são falsas explicações fabuladas pelo sujeito, provocadas por seu medo de desamparo e de falência e suas consequências imaginárias: o repúdio, a rejeição, a humilhação — em suma, o medo do desamor e os espectros aterrorizadores que este moviliza, tais como a exclusão social e, no limite, a loucura;
6. Não ceder à vontade de conservação das formas de existência e à pressão que esta exerce contra a vontade de potência da vida em seu impulso de produção de diferença. Ao contrário, buscar sustentar-se no fio tênue deste estado instável da estranheza-no-familiar até que a imaginação criadora construa um lugar de corpo-e-fala que, por ser portador da pulsação do embrião que habita o corpo-ninho, seja capaz de atualizar o mundo virtual que esta experiência anuncia, permitindo assim que as formas agonizantes acabem de morrer;
7. Não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora, para evitar o risco de interromper a germinação de um mundo. Tal interrupção mortífera tor-

na a imaginação vulnerável a deixar-se expropriar pelo regime colonial-capitalístico, submetendo-se ao imaginário que ele nos impõe sedutoramente. Isso a torna totalmente estéril: no lugar do exercício criador (exigido pela vida), o qual envolve a criatividade mas não se reduz a ela, a imaginação passa a reduzir-se ao exercício criativo (dissociado da vida), a serviço das necessidades do regime.

8. Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida, agindo à altura de sua vontade de perseveração. Isto implica mantê-la o mais possível fecunda a cada momento, fluindo em seu processo ilimitado de diferenciação de formas e valores;

9. Não negociar o inegociável: tudo aquilo que obstaculiza a afirmação da vida, em sua essência de potência transfiguradora. Aprender a distingui-lo do negociável: tudo aquilo de que se pode abrir mão porque não debilita a força vital instituinte mas, ao contrário, gera as condições objetivas para que se produza um acontecimento, cumprindo-se assim seu destino ético;

10. Praticar o pensamento em sua plena função: indissociavelmente ética, estética, política, crítica e

clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, cada palavra, cada relação com o outro (humano e não humano) e cada modo de existir — toda vez que a vida assim o exigir.

É evidente que tais sugestões não pretendem ser um receituário para se atingir uma suposta “cura” dos efeitos patológicos de nossa cultura, numa espécie de messianismo clínico-artístico-micropolítico, que viria substituir o tão combalido messianismo macropolítico contido na utopia revolucionária — ambos herdeiros da ideia de paraíso onde a vida encontraria enfim a suposta estabilidade eterna.

Estes são cenários imaginários que tem por função apaziguar nossa angústia diante da inexorável instabilidade da vida; angústia própria de uma subjetividade reduzida ao sujeito que, sob o jugo do regime de inconsciente colonial-capitalístico, perdeu o acesso ao vivo. Sustentar-nos nesta instabilidade para encarnarmos o mais possível a vida em sua força de variação transfiguradora, é isso o que nos ensinam os Guarani. Um ensinamento essencial para a tarefa de descolonização do inconsciente, fim maior da insurreiçã micropolítica.